

DIVERSIDADE SEXUAL NA EDUCAÇÃO NO IFPE: UMA EXPERIÊNCIA DE VISIBILIDADE

SEXUAL DIVERSITY IN EDUCATION AT IFPE: AN EXPERIENCE OF VISIBILITY

BARROS, Daniela Torres

Instituto Federal de Pernambuco; danielatorres@recife.ifpe.edu.br

MOURA, Raul Félix

Universidade Federal de Pernambuco; raul.felix.aqw@gmail.com

BARROS, Larissa Soares Vila Nova

Universidade Católica de Pernambuco; larissavnbs@gmail.com

Resumo

Este artigo busca relatar as atividades através do projeto de extensão: “DIVERSIDADE SEXUAL NA ESCOLA: ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA CONTRA POPULAÇÃO LGBTT NO IFPE RECIFE E NA REDE ESTADUAL DE PERNAMBUCO”. Devido ao contexto atual de negação de direitos de minorias e de combate à diversidade nos mais diversos âmbitos da sociedade, o projeto teve como objetivos: realizar estudos dirigidos para formação dos bolsistas, realizar formação continuada em gênero e diversidade junto aos docentes e técnico administrativos da Educação Básica de Nível Médio do IFPE, fornecer informações básicas de legislação, realizar parcerias junto ao IFPE, instituições públicas e movimentos sociais, elaborar cartilhas educativas. Como principal resultado, tivemos a organização de um grande evento, o I Simpósio de Gênero e Diversidade Sexual na Educação.

Palavras-chave: Diversidade Sexual. Educação. Gênero. LGBTT.

Abstract

This article has the purpose of reporting the developed activities and outcomes from the extension project named “SEXUAL DIVERSITY IN SCHOOL: STRATEGIES AGAINST VIOLENCE TOWARDS LGBT PUBLIC AT IFPE RECIFE AND PERNAMBUCO STATE NETWORKS”. Due to the current context of minority rights being denied and diversity being shut down in the Brazilian value system, the project has as objectives: Counseling and providing training courses to scholarship students and all kinds of students, continuously keep training courses in gender and diversity for teachers and administrative technicians of IFPE's Middle School Basic Education, to provide basic law information; Keep promoting and improving partnerships with public institutions and social movements to fight intolerance, developing educational booklets. As a main result, we had a important event organization, the 1st Gender Symposium and Sexual Diversity in Education.

Keyword: Sexual diversity, Education, Gender, LGBT.

1 Introdução

O presente artigo tem como objeto de reflexão o projeto de extensão desenvolvido no IFPE - Recife, com a temática “Diversidade Sexual na Escola: Estratégias de Enfrentamento à Violência Contra População LGBTT no IFPE Recife e na Rede Estadual de Pernambuco”. Inserido na área de Direitos Humanos. É importante ressaltar, que dentre os direitos humanos, estão os direitos sexuais e reprodutivos, das mulheres e da população LGBT. Para discussão dos direitos LGBT é imprescindível pensar tanto no conceito de gênero como de sexualidade e apresentar as legislações e políticas públicas que podem dar sustentação às pessoas LGBT na escola.

O projeto de extensão procura contestar o panorama atual, em que, a escola sofre os reflexos de um avanço de conservadorismo no âmbito da sociedade e do próprio Estado, manifestado no campo das tensões dos direitos da população LGBT, dos mais básicos, como o uso do banheiro, à restrição do conceito de família.

Para contrapor esse contexto, a principal diretriz do projeto foi promover ações educativas no sentido de trabalhar e prevenir a violência por orientação sexual e identidade de gênero no âmbito do IFPE Campus Recife e junto às escolas da Rede Estadual de Ensino Médio de Pernambuco, através do debate sobre gênero, sexualidade e diversidade nas escolas, passando por temas transversais, como direito constitucional, violência doméstica e bullying.

Através desse objetivo, buscamos parcerias junto as Diretorias do IFPE e da Secretaria de Educação para futuras formações; fornecemos informações básicas e legislações, instrumentalizando a população atendida, elaborando uma cartilha educativa, com conceitos básicos de gênero, sexualidade de maneira simples e didática com o foco no âmbito escolar; e, por fim, realizamos um grande evento que aconteceu nos dias 13 de 14 de setembro, estabelecendo uma parceria entre o IFPE Campus Recife e a Reitoria do IFPE. Em sua programação, contamos com instituições e movimentos sociais que já trabalham com a temática, dando o espaço necessário para conseguirem dialogar com os participantes em âmbitos diferentes, através de palestras, mesas, oficinas e apresentações culturais.

2 Fundamentação Teórica

Direitos humanos representa um campo que abarca diversas temáticas. Abrange um conjunto de legislações, princípios, iniciativas que buscam conservar a integridade do ser humano, em suas diferentes dimensões e necessidades. O principal objetivo desse campo é pensar em estratégias de proteção para situações de abuso de poder (MOREIRA; GOMES, 2012). O eixo de direitos humanos faz interface com as questões de gênero, sexualidade, raça e etnia.

A nossa Carta Magna, a Constituição Federal de 88, garante o acesso à educação a todas e todos. Os princípios contidos no Tratado Internacional de Yogyakarta (CORRÊA; COLLET, 2007), o qual o Brasil é signatário, e o Programa Nacional Brasil Sem Homofobia (2004) preveem atividades educativas na escola, no sentido de minimizar a violência decorrente da discriminação por orientação ou identidade sexual. Todavia, na realidade a escola tem se distanciado de sua função inclusiva dando prova de sua inabilidade em lidar com essas questões através do quantitativo de evasão escolar da população LGBT, sobretudo de pessoas de identidade de gênero desviante.

Historicamente, Maria César (2009) narrou a inauguração do tema da sexualidade nas escolas brasileiras aliado a intenções higienistas de adequação comportamental, de cunho moralista. Mesmo essa educação foi banida das escolas, no período da ditadura, sob forte influência da Igreja Católica, mas, na década de 90, ganhou novas forças com o avanço da epidemia de HIV/Aids.

Contudo, Helena Altmann (2003) e Jirmena Furlani (2011) constataram a tendência do tema da sexualidade ficar circunscrito ao ensino fundamental e atrelado somente ao funcionamento do corpo (sem olhar para os elementos culturais, históricos, relacionais atravessados na construção da sexualidade). Nesse aspecto, a autora Guacira Louro em seu livro Gênero, Sexualidade e Educação (2011) comprehende como fundamental a discussão de gênero e sexualidade na escola. Ao mesmo tempo em que critica a mesma por ter assumido historicamente uma função de reprodução de valores machistas e sexistas, ela reconhece o espaço escolar como estratégico para produção de mudanças.

Gênero, por sua vez, é tudo aquilo que a sociedade e a cultura esperam e projetam, em matéria de comportamento, oportunidades, capacidades etc. O conceito gênero buscou não negar o fato de que possuímos uma biologia, mas afirmar que ela

não deve definir nosso destino social. (FURLANI, 2016). Ressaltamos que o gênero não é, definitivamente, um conceito derivado do fator biológico, mas sim, é uma categoria presente nas relações sociais e como afirma Joan Scott (1989) uma construção social. E mais ainda, na perspectiva dessa autora e de Judith Butler (2003) mesmo o que considerado biológico é perpassado por elementos culturais.

Sabemos, que a questão das relações de Gênero, como afirma Butler (2003) é uma invenção, um ato performático, logo, sempre contingencial e relacional. Sendo assim, não é fixo ou determinado pelas diferenças biológicas, mas está presente nas relações de poder, perpassadas por questões de classe, raça e etnia.

Estas expressões das relações de gênero dão margem a certos pensamentos reproduzidos comumente a respeito dos papéis dos homens e mulheres na sociedade, criando um tipo “norma”, constituindo uma identidade social, que vai desde trabalhos específicos até mesmo a função da sexualidade, trazendo rebatimentos sobre questões, a exemplo, a diversidade sexual.

Sendo assim, Foucault contribui ao desconstruir a própria noção de identidade sexual, colocando-a enquanto um jogo (FOUCAULT, 2007). Na perspectiva do autor, mais do que olharmos para as identidades enquanto produtos finais, nós devemos compreender como elas se constroem nos jogos das diferenciações sociais. Nesse sentido, uma sociedade onde a heteronormatividade é um padrão imposto, enquanto “normal” e essa definição de normalidade há uma rigidez que produz sofrimento para quem está fora da curva.

Olhando ainda para o contexto ao decorrer do ano de 2017, o grupo de extensão procurou se apropriar mais da temática que iria ser trabalhada, assim pegamos várias fontes, com textos vídeos e relatórios para trabalharmos ao decorrer do ano em nosso projeto. Dentre eles, destacamos o Relatório de Assassinatos de Homossexuais (LGBT), em 2015, do grupo de pesquisa Grupo Gay da Bahia, no qual o Nordeste é apontado como campeão de homicídios em termos absolutos. Vale ressaltar, que as mortes contabilizadas são provocadas, basicamente, pela sua condição de homossexual, identidade de gênero ou por serem confundidos como tal (existem heterossexuais que são vítimas, por engano). Porém, os próprios estudiosos descrevem a subnotificação desse tipo de morte como um entrave ao diagnóstico da realidade, que é mais alarmante ainda.

O livro “Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.” de Guacira Louro (2011), avalia a escola como uma ferramenta de segregação social e de formação de moldes, debatendo o ponto de vista de criação das identidades, e como a educação influencia o agir dentro da sociedade. A reflexão que tivemos apontou para ofato de que há grande importância e urgência no trabalho acerca do conceito de gênero nas escolas, pois estudar gênero é estudar sujeitos e sua própria formação, evitando várias manifestações de violência e machismo.

Nesse contexto, a família é descrita enquanto um lugar no qual esses sujeitos podem sofrer muito com a violência psicológica (ameaças, xingamentos, humilhações, privações), física e patrimonial, sendo a expulsão de casa apenas uma das expressões visíveis dessa violência (PERUCCHI et al, 2014).

Nas escolas, por sua vez, a violência costuma ocorrer na forma de bullying; na negligência de docentes e funcionárias/funcionários; nas pichações das paredes, dos banheiros; no uso de piadinhas e intervenções preconceituosas dos próprios servidores; na recusa pelo uso do nome social, etc. Por outro lado, os professores apontam para a necessidade de discutir sobre a questão, mas relatam despreparo e falta de formação específica para lidar com a situação (ANDRADE, 2012; BARROS, 2014; SOUZA et al, 2016). E quando falamos de escola e diversidade, levantamos a questão do banheiro, mas ao debater esse assunto, as soluções dadas para os indivíduos transexuais são desumanas, chegando ao ponto de segregar e até de impedir o uso do banheiro coletivo, vetando assim até o próprio direito de ir e vir. O uso do banheiro passa a ser então um instrumento determinista, uma espécie de crivo de gênero, na vida das pessoas, podendo ser um lócus de conforto ou de opressão. (CRUZ, 2011)

Outra maneira de opressão (mais sutil) é através da negação da própria existência de uma comunidade diversificada e LGBT dentro das próprias instituições públicas e principalmente de ensino. Essa negação ocorre junto com outras categorizações de problemas como a hierarquização, diversionismo e antecipação fatalista. (JUNQUEIRA, 2010).

A respeito disso, no IFPE Recife, em levantamento com docentes dos cursos de eletrônica e segurança do trabalho (em 2016) mostrou-se por um lado, o discurso religioso como entrave para o debate, por outro lado apontaram a demanda de

aprofundarem nos temas de identidade de gênero e sexualidade. Ou seja, constatamos a necessidade aprofundarmos esse debate.

No contexto atual, de tensionamentos entre Estado e Sociedade consideramos imperativo juntar esforços através da formalização de projetos de extensão, grupos, palestras momentos de intervenção e apropriação do espaço escolar com o intuito de repensar essa prática. Com isso, acreditamos tratar-se de momento decisivo de reafirmação desses temas na escola para viabilizar a discussão dessas problemáticas para o exercício da democracia e o desenvolvimento do pensamento crítico, situado e de sujeitos mais engajados.

3 Metodologia/ Materiais e Métodos

O projeto de extensão utilizou da metodologia qualitativa na perspectiva de Cecília Minayo (2004) e da concepção de extensão presente em Paulo Freire (1983). A metodologia qualitativa seria uma intervenção a qual compreende a necessidade de articulação entre ensino, pesquisa e extensão, como uma atividade básica da ciência na sua indagação da realidade, na qual se vincula pensamento e ação (MINAYO, 2004).

Assim sendo, Paulo Freire no clássico “Extensão ou Comunicação?”, redimensiona a extensão enquanto um processo de educação, portanto, de mão dupla. Assim sendo, nossa proposta não seria tão somente a apresentação de um produto acabado e com selo de garantia de um “conhecimento científico”. Pelo contrário, essa maneira de fazer extensão subverte o próprio termo ao valorizar os saberes populares e colocar o pesquisador/extensionista em contato com aquela realidade, construindo saberes conjuntamente com a população-alvo. Em consonância com o que se entende por pesquisa participativa o trabalho de extensão se dá sem ser de maneira diretiva, mas na perspectiva de construção de conhecimento e de reconhecimento do saber popular (FREIRE, 1983).

Para tanto, buscamos envolver as pessoas na execução do projeto, nas reuniões de estudo e planejamento do projeto de extensão, inserindo-os como protagonistas, ouvindo as necessidades locais. Procuramos também realizar pesquisa (questionário para levantar conceitos, valores, identificar situações problemáticas); trabalhar as temáticas através de palestras, reuniões para favorecer a troca entre os sujeitos envolvidos em torno das temáticas elencadas.

Utilizamos as técnicas de observação participante durante as atividades realizadas para o mapeamento das demandas e do debate gerado. A observação participante acontece através do contato direto com os atores envolvidos para obter informações sobre a realidade destes em seus próprios contextos. É parte constitutiva desta técnica o fato de modificar e ser modificado pelo contexto (MINAYO, 2004).

Dentro da metodologia, a primeira linha de trabalho que nos envolvemos foi a própria formação dos bolsistas, com os debates, levantamento bibliográfico, leituras e estudos dirigidos, construindo uma bagagem acadêmica.

Dentre essas discussões: debatemos sobre a dissertação de Mestrado “A experiência travesti na escola: entre nós e estratégias de resistência.”, de Daniela Barros (2014), onde nosso foco foi entender a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional no contexto do ensino inclusivo levando em consideração os trabalhos com a sexualidade e gênero.

Continuamos com o texto “Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.”, de Guacira Louro (2011), avaliando a escola como uma ferramenta de segregação social e de formação de moldes, analisando a criação das identidades e influência no agir do indivíduo.

Através do texto “Homofobia não é um problema. Aqui não há gays nem lésbicas. Estratégias de negação diante da homofobia nas escolas”, de Rogério Junqueira (2010), a problemática debatida foi a violência através da negação da diversidade pelo estado e suas instituições, ampliando a visão para a dificuldade do debate do tema no próprio IFPE.

Seguimos trabalhando a temática, focando na questão do uso do banheiro junto a identidade trans, com base no artigo "Na escola se aprende que a diferença faz diferença.", de Berenice Bento (2011), e “Banheiros, Travestis, Relações de Gênero e Diferenças no Cotidiano da Escola” (CRUZ, 2011). Pudemos ver que o ponto sobre qual banheiro o travestir deve usar na escola, ainda se revela um grande tabu que mostra o despreparo dos profissionais da Escola, assim como seus respectivos preconceitos.

Finalizando, nosso último trabalho envolvendo estudos de produções, debatemos “Ideologia de Gênero”, de Jilena Furlani (2016), que denunciava a visão preconceituosa sobre programas envolvendo gêneros, como surgiu a expressão

“ideologia” e quais os objetivos para a deslegitimação de todos avanços e projetos na área.

A partir disso, seguimos para a extensão utilizando-se de formas tradicionais de extensão, como palestras e seminários, além de formas alternativas como o questionário, concurso, desenvolvimento de metodologias de oficinas, produção da cartilha, para levar ao coletivo as informações levantadas previamente nos estudos.

A cartilha produzida através deste projeto foi desenvolvida focando na conscientização sobre pluralidade e respeito, introduzindo desde o básico, definições sobre o que é diversidade, preconceito e homofobia, mostrando a violência sofrida pela comunidade LGBT em números e dados estatísticos. Os conceitos de gênero, sexualidade e sexo biológico também são apresentados de maneira didática e intuitiva, apresentando o papel da escola na formação de um cidadão plural, com direitos, como o de uso de nome social e do banheiro a qual se identifica.

A partir de todo o debate que foi sendo desenvolvido, estudos dirigidos, e elaboração de oficinas, nosso objetivo passou a organizar um evento no qual pudéssemos expor esse trabalho, convidar colaboradores e a comunidade externa a participar. A partir dessas discussões, desenvolvemos o principal resultado do projeto, o evento “I Simpósio de Gênero e Diversidade na escola”.

As inscrições gratuitas para o Simpósio foram realizadas mediante plataforma digital que foi veiculada no site do IFPE, nas redes sociais através de compartilhamento dos parceiros e da própria equipe. Oferecemos, inicialmente, 300 vagas que foram preenchidas rapidamente, e dessa forma fechamos as inscrições para não superlotar as atividades. Devido à ausência dos inscritos online, abrimos inscrições presencialmente, onde verificamos perfil semelhante ao dos escritos online. No ato do credenciamento, os participantes receberam uma pasta com caneta, folha de papel ofício A4, além de panfletos sobre a temática trabalhada no Simpósio (a pasta e os folhetos informativos foram doados Centro de Referência LGBT do Estado de Pernambuco).

Figura 1. Identidade visual do Evento

Dessa forma, o I Simpósio de Gênero e Diversidade na Educação, começou no dia 13 de setembro de 2017, contando com a presença de 367 participantes, além de 15 palestrantes, oficineiros/oficineiras de diversas parcerias firmadas: Ministério Público Federal, Secretaria da Mulher, Secretaria de Educação, Instituto Maria da Penha, Marcha Mundial das Mulheres, Projeto Cidadania LGBT do Recife, Coletivo Cabelaço, Associação de Homens Trans, Coordenação de Prevenção DST/Aids de Pernambuco e Diretoria LGBT da UFPE.

Ao longo do evento, foi montada uma exposição com os materiais cedidos pelas instituições e movimentos parceiros. Nessa exposição, havia três varais de camisas com mensagens sensibilizadoras e conscientizadoras sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis, emprestadas pela coordenação de DST/AIDS, além de materiais educativos, cartilhas, folhetos com caráter sensibilizador, para reflexão sobre a questão de gênero na educação conforme tabela 1. A exposição ocorreu nos dois dias do evento no hall de entrada do IFPE, atingindo além do público inscrito, os visitantes e administrativos do campus que puderam levar os materiais educativos ali distribuídos.

Tabela 1. Identificação e quantificação do material distribuído

DIRETORIA LGBT	MATERIAL	QUANTIDADE
	GUIA DE CIDADANIA LGBT	140
	FOLHETO - COMISSÃO DE DIREITOS HOMOAFETIVOS	1

FOLHETO - CENTRO MUNICIPAL DE REFERÊNCIA LGBT	8
LIVRO- EMOCIONANTES HISTÓRIAS DE VIDA	13
QUADROS - #MEU NOME IMPORTA	7
SECRETARIA ESTADUAL DA MULHER	
MATERIAL	QUANTIDADE
LEI MARIA DA PENHA	43
SERVIÇOS E ENDEREÇOS ÚTEIS	78
100 ANOS NAÍDE TEODÓSIO	98
MAIS PARA AS MULHERES BRASILEIRAS	26
CARTILHA EXPLICATIVA VIOLÊNCIA CONTRA MULHER	6
ADESIVO - BASTA DE VIOLÊNCIA CONTRA MULHER	100
FOLHETO - BASTA DE VIOLÊNCIA CONTRA MULHER	100
LIVRO - II SEMINÁRIO INTERNACIONAL REPÚBLICAS	25

A palestra: “Gênero e Diversidade na Educação, uma Introdução à Questão”, comandada pela professora Bernardina Araújo do IFPE - Campus Belo Jardim teve como objetivo esclarecer o tema, tirando dúvidas dos participantes a respeito desse tema considerado tabu por grande parte da sociedade.

Houve apresentação do Coral popular do IFPE, que trouxe em seu repertório músicas que colocassem a vista a diversidade existente em meio a educação: “Eu também quero beijar”, “Xaxado” e “Regra 3”. A manifestação cultural ocorreu no pátio do IFPE e teve em seu público os participantes do evento e as demais pessoas que estavam no local, estudantes, servidores e terceirizados.

No período da tarde, foram oferecidas oficinas, com o objetivo de aprofundar questões relativas à educação.

Tabela 2. Oficinas realizadas no evento

Oficinas	Ministradores	Objetivo	Participantes
Oficina 1: “Intersecção Gênero e Raça na escola”	Coletivo Cabelaço (Iris Regina; Paula Fonseca; Perlla Ranielly)	Partilha de experiências tanto das oficineiras, como com a busca do relato dos participantes, utilizando slides e debate sobre a temática.	34
Oficina 2: “Feminismo e Educação”	Marcha Mundial das Mulheres (Maria Eduarda Graciliano; Yara Gonçalves)	Debate da temática e produção de cartazes com o método da serigrafia.	35
Oficina 3: “Identidade TRANS na escola”	Associação de Homem Trans (Társio Benício)	Apresentação de conceitos básicos e distribuição de cartilhas produzidas pela associação.	35

Oficina 4: “Violência contra mulher e educação”

Secretaria da Mulher
(Elaine Maria Dias)

Apresentação de slides contendo instruções sobre os meios de proteção e prevenção que as mulheres podem recorrer.

6

Com cerca de 30 participantes por oficina, o retorno nas avaliações verbais foi positivo. As oficinas trouxeram a vivência dos movimentos sociais e o questionamento da realidade escolar na perspectiva do gênero, raça e diversidade. A discrepância de interesse de público nas oficinas oferecidas pelos movimentos sociais e de representantes do governo sugere a necessidade das pessoas acerca de discutirem e questionarem mais o nosso cotidiano, pensando em estratégias de transformação social.

Figura 2. Oficina 1 “Intersecção Gênero e Raça na escola”



Figura 3. Oficina 3 “Feminismo e Educação”

No segundo dia, ocorreu a mesa de debates: “Políticas públicas de gênero e diversidade na educação: avanços e desafios”. A formação da mesa contou com a presença de representante do movimento Marcha das Mulheres; da Secretaria Estadual de Educação e da coordenadora do evento; onde foi debatido os problemas atuais nas discussões de gênero, como o preconceito ainda é enraizado na sociedade, e as dificuldades que isso traz para debater a temática. O grupo de teatro do Cabo de Santo Agostinho apresentou peça teatral no pátio central do campus Recife, que refletia sobre o lugar da mulher, do feminino.

Na parte da tarde, foi realizada uma roda de conversa com o tema: “Relato de Experiências de Educação em Gênero e Diversidade”. Acioly Neto do Projeto Cidadania LGBT, Geovana Borges da Diretoria LGBT – UFPE e Regina Barbosa do Instituto Maria da Penha. Essa conversa desenvolve-se por meio da partilha de experiências que foi travada pelos os participantes da roda. Eles se abriram para o diálogo e buscaram trabalhar a sensibilização do público.

Figura 4. Roda de conversa: “Relatos de Experiências de Educação em Gênero e Diversidade”



A apresentação teatral final foi realizada em forma de uma leitura dramatizada de uma narrativa sobre a experiência de vida “trans” e apresentada pela servidora do campus Recife Maria Carolina Bello e do professor de teatro do IFPE Cabo de Santo Agostinho, Sandro Guerra.

4 Resultados e Discussão

Com a realização do projeto juntamente com o simpósio, tivemos como público alvo principal os alunos da rede estadual de ensino médio de Recife, alunos do IFPE Campus-Recife professores e técnicos administrativos.

Atendemos no primeiro semestre um total de 80 pessoas, sendo 30 gestores e 50 discentes do IFPE – Campus Recife. A partir da apresentação (bolsistas e coordenadores) do projeto para os coordenadores de cursos, diretorias e chefes de departamentos do IFPE Recife, nos colocamos à disposição para sugestões, críticas e uma construção coletiva. Inaugurando uma forma mais democrática e participativa de implementação de projetos/programas. Há luz dessas contribuições buscamos sensibilizar os gestores para trabalhar melhor a diversidade sexual dentro da instituição e na formação educacional como um todo.

Nessa ocasião, enfatizamos a importância da discussão da temática e denunciamos as formas de resistências bastante presente nos discursos, com base no texto “A homofobia não é um problema. Aqui não há gays nem lésbicas!”. Estratégias discursivas e estados de negação da discriminação por orientação sexual e identidade de gênero nas escolas.” (JUNQUEIRA, 2010).

Outrossim, com a aproximação junto aos discentes no evento “Combate a LGBTfobia: A luta por igualdade”, realizado pelo Grêmio estudantil, o projeto foi apresentado, levando o conhecimento da legislação vigente no território nacional, no município e no IFPE. Contribuindo assim, para um esclarecimento, mostrando que é possível lutar contra o preconceito, como seguir e onde buscar apoio.

No segundo semestre, com a realização do evento, conseguimos 308 inscrições. Desses/dessas inscritos/inscritas onde aproximadamente 80% eram estudantes, 12% eram docentes e 8% técnicos administrativos. Levando em consideração as inscrições online, aproximadamente 75% do público atingido foi do IFPE, 50% do Campus Recife, 22% do Campus Ipojuca 7,5% do Campus do Cabo de Santo Agostinho, 4% do Campus Caruaru, 2,2% Reitoria, 3,5% Campus de Paulista, 1,3% Campus Pesqueira, 0,9 Campus Palmares, 0,9% Campus Olinda, 1,8% Campus Igarassu, 0,9% Campus Garanhuns, 1,8% EaD, 0,9% Campus Barreiros, 1,3% Campus Vitória de Santo Antão. Para o público da rede estadual, tivemos o alcance de 41 inscrições online, com estudantes e docentes de mais de 20 escolas diferentes. Essa informação nos leva a observar um maior interesse dos estudantes do que de servidores (docentes e administrativos), confirmando uma posição mais firme sobre a temática. Infelizmente, dessas inscrições, apenas 30% compareceram, sendo necessária uma abertura de inscrições nos dias do evento. Contudo, conseguimos superar o número de inscrições online, totalizando 367 credenciamentos.

É válido salientar, ainda, que todo esse projeto foi importante para trazer visibilidade ao tema, que em pleno século XXI, é considerado tabu e vem sofrendo repressão de ações audaciosas e moralistas. Pudemos ver nesse evento, um maior engajamento dos estudantes que se mostraram interessados em participar do tema e aprender mais sobre o respeito em relação a diferença. Houve o estabelecimento de parcerias entre o projeto e demais instituições, além do fortalecimento da rede com o próprio IFPE, em que pudermos entrar em contato com ações que já estavam sendo realizadas na Instituição.

O evento foi realizado utilizando os recursos já existentes no IFPE: estrutura física, equipamento de som e multimídia e de materiais de escritório - papel ofício, canetas, cartolinhas, tesouras, lápis de cera, de cor, hidrocor, tinta guache. Houve apoio da assessoria de comunicação para divulgação e registro das atividades; o apoio na condução do evento junto a inúmeros estudantes voluntários/voluntárias; as/os palestrantes e as/os oficineiras/oficineiros também foram voluntários; do setor de transporte para a condução de palestrantes, oficineiros/oficineiras e materiais para distribuição no evento, (dentro da região metropolitana) de modo que a ação pôde alcançar muitas pessoas por um baixo custo.

Dos principais objetivos alcançados, conseguimos estabelecer uma rede de apoio para todo o IFPE, criar e divulgar cartilhas sobre as questões, elaborar um grande **e muito bem avaliado evento**, a exemplo de depoimento de estudante obtido através de e-mail após o evento:

Primeiramente, gostaria de parabenizar aos idealizadores desse evento que sem dúvida foi de grande valia para todos aqueles que se propuseram a adquirir informações e conhecimentos sobre gênero e diversidade. Sou estudante do Campus Cabo e foram dois dias de grande valia e aprendizado. Fomos inundados de informações extremamente pertinentes e necessárias para nosso crescimento e evolução como ser humano. Que esse evento seja multiplicado em todos os campis e que cada vez mais pessoas sejam atingidas e inundadas de conhecimentos. Campus Cabo agradece grandiosamente a participação no evento.

5 Considerações Finais

Nos é evidente, que uma experiência como a presente, acrescentou muito em nossa vida, tanto acadêmica quanto pessoal. Do ponto de vista pessoal, os bolsistas puderam aprender sobre algo que se é um tabu constante e sobre um grupo social vive sob ataques. Tudo o que foi discutido os fez refletir sobre suas próprias crenças e valores e compreender como a falta de informação adequada acaba por favorecer a manutenção dos altos índices de violência contra a comunidade LGBT, que em nosso país se perpetua como um dos mais crescentes.

Em tempos sombrios e de retrocessos que vivemos nesse aspecto, podemos ver tentativas de disseminar que a homossexualidade e outros desvios de comportamentos, não esperados pela sociedade tradicional, são doenças e que

devem ter tratamento para reversão. Dessa forma, poder tratar dessa temática, é um imperativo ético que trouxe maior criticidade e contribui para a formação de profissionais mais atentos a essas questões.

Ademais, pudemos criar laços com instituições que já tratam da temática para parcerias futuras, conseguimos com o Instituto Federal de Pernambuco, um grande passo no sentido de dar maior visibilidade do tema e consolidar trabalho em rede no campus, entre os campi e fora do IFPE que pode ser resgatada em eventos futuros.

Avaliamos como muito positivo o alcance, o número de pessoas atingidas, o quantitativo de instituições e movimentos conectados, qualidade e profundidade das discussões levantadas durante a evolução do projeto de extensão. Destacamos que o evento do Simpósio com grande capilaridade e qualidade aconteceu praticamente sem nenhum recurso financeiro específico (com exceção da faixa de divulgação do evento na entrada do IFPE Recife e do lanche oferecido no primeiro dia do evento), apenas com uso de recursos e estrutura institucional já disponíveis e do estabelecimento de parcerias (pastas doadas pelo Centro de Referência LGBT do Estado; palestrantes e oficineiras/oficineiros). Ou seja, com boa vontade política e institucional é possível desenvolver grandes feitos com pouco ou praticamente nenhum custo.

Todavia, é importante ressaltar que também houve alguns percalços no caminho, sobretudo no âmbito do IFPE, a burocracia e falhas na comunicação interna complicaram mesmo a resolução de questões simples. Outro empecilho foi a falta de incentivo e apoio institucional a realização de extensão por servidores técnico-administrativos que acumulam as suas atividades com as de extensão acabando por sentirem-se sobrecarregados e desestimulados. Sendo assim, apontamos para a necessidade simplificação de processos administrativos internos e da implementação de estratégias de incentivo e fortalecimento da servidora técnico-administrativa /servidor técnico administrativo extensionista.

6 Referências

ALTMANN, Helena. Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero. **Caderno Pagu**, n. 21, 2003.

ANDRADE, Luma. **Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa**. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

BARROS, Daniela. **A experiência travesti na escola: entre nós e estratégias de resistência.** Dissertação de Mestrado, UFPE, 2014.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz diferença. **Estudos Feministas, Florianópolis**, v.19, n. 2, maio/ago. 2011.

BRASIL. **Lei 13.005, de 25 de junho 2014.** Aprova o Plano Nacional de Educação PNE 2014 e dá outras providências. Presidência da República, Casa Civil.Brasília: DF, 2014.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** 5. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual. Secretaria de Educação Fundamental.** Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Conselho Nacional de Combate à Discriminação/Ministério da Saúde. **Brasil Sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra LGTB e promoção da cidadania homossexual.** Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

BRASIL. Presidência da República. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: Casa civil, 1988.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CÉSAR, Maria Rita. Gênero, sexualidade e educação: notas para uma "Epistemologia". **Educ. rev.** Curitiba, n. 35, 2009.

CRUZ, Elizabete Franco. Banheiros, Travestis, Relações de Gênero e Diferenças no Cotidiano da Escola. **Psicologia Política**, v. 11, n. 21, p. 73-90, jan. /jun. 2011.

FOUCAULT, Michael, **História da sexualidade I: A vontade do Saber, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque.** Rio de Janeiro Edições Graal, 2007.

FURLANI, Jirmena. **Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças.** Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

GRUPO GAY DA BAHIA. **Relatório 2012 Assassinato Homossexuais.** Bahia, Salvador, 2013.

JUNQUEIRA, Rogério. “Aqui não há gays nem lésbicas! ”: Estratégias de negação diante da homofobia nas escolas. In. RESENDE, Viviane; PEREIRA, Fábio (orgs.). **Práticas socioculturais e discurso:** debates transdisciplinares. Portugal/Corvilha: Livros Labcom, 2010.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec – Abrasco, 1998

MINAYO, Maria Cécilia. Pesquisa social: **Teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2004.

MOREIRA, Vital; GOMES, Carla Marcelino (Coord.). **Compreender os Direitos Humanos: manual de educação para os direitos humanos.** 2013. Versão original editada por WOLFGANG BENEDEK European Training and Research Centre for Human Rights and Democracy (ETC) (Centro Europeu de Formação e Investigação em Direitos Humanos e Democracia) Graz, Áustria.

PEIRUCCHI, Juliana; BRANDÃO, Brune; VIERA, Isabela. Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. **Estud. psicol.** v.19, n.1, jan./jar., 2014.

PERES, William. Cenas de exclusões anunciadas: travestis, transexuais e transgêneros na escola do Brasil. In: JUNQUEIRA, Diniz (org.). **Diversidade sexual na educação: problematizações da homofobia na escola.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

RECIFE. **Lei 16.7080, de 28 de junho de 2002.** Estabelece a discriminação por orientação sexual como crime. Recife: Gabinete do prefeito, 2002.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica.** Nova York, Columbia University Press. 1989.

SOUZA, Elaine; SILVA, Joison; SANTOS, Claudine. Diversidade sexual e homofobia na escola: (des)conhecimento e vivências de docentes Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **Revista Educação em Questão**, v. 54, n. 41, p. 111-138, maio/ago. 2016.

Recebido em março de 2018.
Aprovado em janeiro de 2019.
Publicado em julho de 2019.